



LEITE, Janaina Fontes. A autoescritura performativa: do diário à cena. São Paulo: Universidade de São Paulo. Departamento de Artes Cênicas; Mestrado em andamento; Felisberto Sabino da Costa. Fapesp; mestrado. Atriz e diretora.

RESUMO

O presente trabalho se interessa pelas formas de autorepresentação e escrita autobiográfica tais quais elas vêm se apresentando em alguns exemplos significativos da cena teatral contemporânea. Desde Philippe Lejeune que sistematizou uma das primeiras pesquisas sobre o “gênero autobiográfico” até pesquisadores contemporâneos que trabalham sobre a noção de testemunho, temos abordagens diversas do que seriam as escritas do eu. Com ênfase nos processos de constituição de uma dramaturgia autobiográfica e no conceito de autorepresentação, este trabalho encontra seu aporte fundamental no campo da teoria literária se perguntando como a teoria do autobiográfico, tal qual constituída sobretudo a partir dos anos 70 e sua associação com a ideia de uma memória criativa pode hoje nos orientar na leitura de obras teatrais que trazem em seus enunciados a afirmação em primeira pessoa.

PALAVRAS-CHAVE: autobiografia: teatro documentário: memória: dramaturgia contemporânea: performance.

ABSTRACT

This research is interested in forms of autobiographical writing and self representation which they are performing in some significant examples of contemporary theater scene. Since Philippe Lejeune who systematized one of the first research on the "autobiographical genre" by contemporary researchers who work on the notion of testimony, we have different approaches than would be the writings of the self. With emphasis on the processes of creation of an autobiographical dramaturgy and the concept of self representation, this work finds its fundamental contribution in the field of literary theory wondering how the theory of autobiography, as it consists mainly from the 70s and its association with the idea a creative memory can guide us today in the reading of theatrical works that bring the first person in their statements.

KEYWORDS: autobiography; documentary theater; memory; contemporary dramaturgy; performance.

Iniciamos a pesquisa em 2008, nos perguntando sobre as implicações de uma cena constituída a partir do “real” e nos debruçamos sobre o que, na cena contemporânea, vem se convencionando chamar de *teatro documentário*, refletindo sobre seus pressupostos e diferentes elaborações através de obras de artistas como a argentina Vivi Tellas ou o coletivo alemão *Rimini Protokoll*. Essa primeira fase da reflexão foi um desdobramento do experimento “Festa de separação: um documentário cênico”, espetáculo que tem sua dramaturgia e cena constituídas por material autobiográfico do ex-casal Janaina Leite (autora desta pesquisa) e Felipe Teixeira Pinto. O processo de criação se deu através da realização e documentação audiovisual de festas que funcionavam como *happenings*¹ onde os anfitriões, eram ao mesmo tempo o casal que recebia parentes e amigos para a sua festa de separação e também os “performadores” que improvisavam a partir de um conjunto de ações mais ou menos pré-estabelecidas nos

roteiros que se criavam para cada festa e se desenvolviam para a festa seguinte. A criação, o ensaio e a formalização aconteciam simultaneamente já que as festas - esse acontecimento inédito a cada vez - eram a maneira de desenvolver a estrutura para o espetáculo final. O espetáculo, autodenominado um “documentário cênico” em franco diálogo com referências do documentário cinematográfico, brincava com conceitos e procedimentos clássicos da linguagem documental como o pacto de veracidade, o uso de material de arquivo, entrevistas, o personagem real (na peça, o ex-casal Janaina e Felipe, destituídos de qualquer camada fabular, se apresentavam como eles mesmos), o que detonou uma série de questionamentos sobre a viabilidade e efeitos do emprego desses recursos na cena teatral. O ponto de partida autobiográfico da criação e as diferentes formas de registro através das quais o processo se deu, nos aproximaram de discussões muito avançadas na contemporaneidade sobre a memória e as diferentes formas de “escritas do eu” como a autobiografia, os diários e a “autoficção”. Acreditamos que tais discussões podem elucidar a reflexão acerca dos processos de autoescrita também no teatro.

Para estabelecer o caminho que vai do diário à cena na construção do que estamos chamando de “autoescrita performativa”, propomos isolar, primeiramente, a reflexão acerca dos processos de escrita autobiográfica tal qual esta vem se dando, sobretudo, através da teoria literária, da reflexão sobre uma teatralidade constituída a partir do real da qual o chamado teatro documentário seria um dos principais expoentes.

O diário: da autobiografia à autoficção

Segundo a pesquisadora Beatriz Sarlo, nos anos 70 e 80 ocorre uma revalorização do sujeito (em oposição a valorização das estruturas nos anos 60) que ela vai, justamente, chamar de “guinada subjetiva” (SARLO, 2007). O ponto de vista em primeira pessoa é associado a uma espécie de garantia de “verdade” e trabalharia em favor da autenticidade e também da conservação do passado através do exercício do lembrar. A pesquisadora recorre ao pensamento de Derrida e Paul de Man para negar a relação entre o “eu textual” e o eu da experiência vivida a partir da crítica da representação e da subjetividade. Nos anos 70, efetivamente, tem início na França uma intensa discussão sobre as narrativas de cunho autobiográfico refutando, sobretudo, as ideias de Philippe Lejeune, conhecido por seus estudos em torno da autobiografia, que tem como principal obra o livro *Le pacte autobiographique*. Lejeune define a autobiografia como “o relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, colocando ênfase em sua vida individual e, em particular, na história de sua personalidade”. A autobiografia, segundo o teórico, pressupõe a veracidade dos fatos e o compromisso com a realidade através de um “pacto autobiográfico”, isto é, um pacto de autenticidade em que não há dúvidas a respeito da identidade entre as instâncias do narrador, protagonista e autor. Serge Doubrovsky, em 1977, vai cunhar o termo *autofiction* considerando que, ainda que em primeira pessoa e a partir de experiências vividas, a escrita será sempre um “ato estetizado e ficcional”, e coloca a autoficção como a possibilidade de se transitar entre a autobiografia, o discurso referencial e a ficção tendo a figura do autor plasmada na do narrador. Doubrovsky nega a possibilidade de um acesso direto ao vivido e a uma memória que se organiza e que organiza a experiência de maneira cronológica e unitária. Ao colocar a autobiografia como uma escrita do presente, ou seja, que se faz a partir dos elementos que estão a disposição no agora, o autor se aproxima do conceito de memória

tal qual estabelecido por Henri Bergson no seu *Matéria e Memória*. “A memória não é uma faculdade de classificar recordações numa gaveta ou inscrevê-las num negativo. Não há registro, não há gaveta. Na verdade, o passado se conserva por si mesmo, automaticamente. Inteiro, sem dúvida, ele nos segue a todo instante”. O tempo não é aqui a sucessão dos fatos. Para Bergson, não existe sucessão. Essa ideia de memória corresponde a uma noção de inconsciente ontológico onde tudo se permeia e pode ser atualizado a partir do “apelo que nasce do presente”. O princípio de uma memória criativa, oposta a uma memória histórica, estará na base dos estudos de muitos autores que se debruçaram sobre as narrativas autobiográficas no fim do século XX e começo do XXI como Léonor Arfuch e Paul Ricoeur, importantes referências para este trabalho.

A cena: teatro documentário e autobiografia

Como já pontuamos, a criação em 2008 do experimento teatral chamado “Festa de Separação: um documentário cênico”² foi o desencadeador de todo o processo que desembocou na pesquisa sobre teatro documentário. A longa temporada nos permitiu por em cheque, testar, rever, pensar sobre os procedimentos e nossas escolhas estéticas e suscitaram a necessidade do desenvolvimento da pesquisa que se seguiu.

Nos deparamos então com alguns exemplos de obras constituídas a partir do “real” que vêm sendo realizadas na cena teatral contemporânea e que são muito fortemente associadas a um chamado “teatro documentário”³. Trabalhos como o do coletivo *Rimini Protokoll* na Alemanha, da diretora Vivi Tellas na Argentina ou do coletivo Mapa Teatro na Colômbia, caminham nessa direção e no jogo que estabelecem entre os documentos da realidade e a cena oferecem exemplos do que, segundo a pesquisadora Béatrice Picon-Vallin, é umas das pesquisas mais atuais da cena contemporânea⁴.

Nos espetáculos associados a esta vertente, as biografias ou autobiografias são importante material de base tanto para a geração de conteúdos e dramaturgia quanto para as encenações propriamente já que um importante aspecto deste teatro que chama a atenção é a presença de não-atores em cena, ou como prefere chamar os integrantes do *Rimini Protokoll*, os *experts*.⁵ No entanto, na maioria dos casos com os quais tivemos contato⁶, muito mais do que um desejo e projeto de autorepresentação (como acontece na literatura ou performance autobiográficas), nestes casos do chamado teatro documentário, as biografias são “enquadradas” dentro de um projeto temático do encenador figurando como “casos”, “narrativas” que contribuem para a construção do sentido total.

Muito mais comumente, o autobiográfico é associado ao campo da *performance art* e se manifesta na maioria das vezes no eu afirmado do performer que se coloca em experiência através de uma ação ou situação real⁷.

O que queremos investigar é – e neste sentido o suporte da teoria literária nos traz reflexões bastante aprofundadas – se há questões específicas (e se há, como abordá-las) em obras que trazem um eu referencial em sua enunciação quando este se confunde com o autor (da peça ou da performance). A discussão já um tanto gasta sobre “o real” e o “ficcional” realizada no teatro nos parece muitas vezes infértil⁸ e acreditamos que a bibliografia escolhida pode ampliar o campo de discussão para pensarmos efetivamente

se o pressuposto autobiográfico engendra questões relativas ao processo criativo, à formalização da obra e à recepção.

Referências Bibliográficas

- ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes: 2006.
- DA COSTA, Luiz Cláudio (Org.). *Dispositivos de registro na arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2009.
- DOUBROVSKY, Serge. *Autobiographies : de Corneille à Sartre*. Paris : PUF, 1988.
- LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1996.
- LEONARDELLI, Patrícia. *A memória como recriação do vivido. Um estudo da história do conceito de memória aplicado às artes performativas na perspectiva do depoimento pessoal*. Tese de doutorado. Eca-Usp, São Paulo, 2008.
- LÍRIO, Gabriela. (Auto) biografia na cena contemporânea: entre a ficção e a realidade: In: Anais da ABRACE. Disponível em: <http://www.portalabrace.org>, novembro de 2010.
- PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SELIGMANN-SILVA, M. *O esplendor das coisas: o diário como memória do presente na Moscou de Walter Benjamin*. FRCB, Escritos, 2009.
- SOLER, Marcelo. *Teatro Documentário: a pedagogia da não ficção*. Editora HUCITEC, São Paulo, 2010.

Tomando a definição de Patrice Pavis que diz que o *happening* é uma “forma de atividade que não usa texto ou programa prefixado (no máximo um roteiro ou um “modo de usar”) e que propõe aquilo que ora se chama *acontecimento*, ora *ação*, procedimento, movimento, performance, ou seja, uma atividade proposta e realizada pelos artistas e participantes, utilizando o acaso, o imprevisto e o aleatório, sem vontade de imitar uma ação exterior, de contar uma história, de produzir um significado, usando tanto todas as artes e técnicas imagináveis quanto a realidade circundante. (PAVIS, 1996, p.191)

² O espetáculo teve sua estreia em 15 de setembro de 2009 subvencionado do projeto Vitrine Cultural, com curadoria de Kil Abreu e Valmir Santos. Foram oito meses em temporada e apresentações pelo Brasil que se seguem até os dias de hoje.

³ Marcelo Soler, em seu *Teatro Documentário: a pedagogia da não-ficção*, localiza nos anos 20 o surgimento do teatro documentário a partir das encenações de Erwin Piscator. Ao longo do século XX, o autor mapeia expressões dessa linguagem passando pelo *Living Newspaper* nos Estados Unidos, o Teatro Jornal desenvolvido no Brasil por Augusto Boal até chegar ao nosso século com exemplos como o do *Rimini Protokoll* na Alemanha.

⁴ Em entrevista concedida pela ocasião do 1º Colóquio sobre Teatro Documentário, São Paulo, 2011.

⁵ “Não-ator” é, justamente, um termo recusado no trabalho do grupo já que designaria as pessoas pelo que elas *não são*. Ao contrário, a ideia de *expert*, faz valorizar a razão pela qual elas ocupam a cena: possuírem algo em suas biografias, no campo de suas experiências e saberes, que interessa àquele projeto estético-político.

⁶ *Rimino Protokoll* (Alemanha), *Vivi Tellas* (Argentina) e *Mapa Teatro* (Colômbia).

⁷ “O performer não tem que ser um ator desempenhando um papel, mas sucessivamente recitante, pintor, dançarino e, em razão da insistência sobre sua presença física, um autobiógrafo cênico que possui uma relação direta com os objetos e com a situação de enunciado” in Patrice Pavis, *Dicionário do teatro. Perspectiva*, 1947 (p.284).

dançarino e, em razão da insistência sobre sua presença física, um autobiógrafo cênico que possui uma relação direta com os objetos e com a situação de enunciado” in Patrice Pavis, *Dicionário do teatro. Perspectiva*, 1947 (p.284).

⁸ Sobre essa discussão, ver Luiz Fernando Ramos, *Hierarquias do Real na Mimesis Espetacular Contemporânea*, R.bras.est.pres., Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 61-76, jan./jun. 2011. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/presenca>